

FAZER MAIS PATRIMÓNIO PARA O FUTURO TAMBÉM SERÁ ISTO

Sem ter um conhecimento profundo de qualquer destes três edifícios que fotografei - respectivamente na Rua do Bonjardim, Rua do Paraíso e Rua da Boavista, parecem-me estes três exemplos no entanto, interessantes reabilitações com inteligência e equilíbrio entre uma ideia de “novo” e uma ideia de “antigo” sem cair na má qualidade que se nota em certos casos como o caso que o Tiago (TAF) trouxe - e bem - à discussão. Uma vez mais, acho que o mais importante é a qualidade (seja ela o que for...), quer a ideia seja “novo”, “restauro de antigo” ou “reabilitação mix”. E sim - claro que temos de ter critérios de qualidade aferíveis para avaliar e aprovar reabilitações que “misturem” novo e antigo.



Exemplo 1 - Rua do Bonjardim

Creio ser esta uma reabilitação desenhada pelo Arq.^o António Madureira. Neste caso, os azulejos serão a recuperação possível dos originais e as caixilharias são uma versão elegante e bem desenhada das caixilharias tradicionais de “ tipo guilhotina” e “ tipo duas de abrir mais bandeira”. O que é novo aqui? O material: Ferro. Com um desenho sóbrio e uma cor bem escolhida. O que é “antigo” aqui? É antiga a tipologia das aberturas, ou seja, a proporção entre vãos e entre as próprias “folhas” da caixilharia que, parecendo uma “minundência” é no Porto essencial. Não é, em definitivo, o mesmo desenhar-se um vão de folha única ou um vão com várias folhas, sobretudo quando existe um desenho de qualidade...

Exemplo 2 – Rua do Paraíso

Aqui a caixilharia é de alumínio. E a questão é que o alumínio é um bom alumínio. E isto – a qualidade do material e a qualidade do seu acabamento – podem mudar tudo. O mau exemplo que o TAF deu também era alumínio, só que era lacado brilhante, numa



cor mal conseguida. Este alumínio com um acabamento tipo “Forja”, ou seja, mantendo este aspecto metálico áspero e “mate”, faz toda a diferença entre os alumínios.

A minha professora Arq^a Teresa Fonseca dizia e bem que “Qualquer material pode ser Nobre. Depende da maneira como é usado...” Concordo. Subscrevo e incluo o tão “mal-dito” alumínio nesta categoria.

O tamanho do perfil também não é de menosprezar. Hoje em dia, conseguem-se alumínios com perfis bastante elegantes e finos, alguns com “folha oculta”, embora mais caros... Não há bela sem senão, mas a “Reabilitação” nunca se disse que iria ser fácil...



Exemplo 3 - Rua da Boavista

Gosto deste exemplo por várias razões. Prova que nem só de azulejo vive o Porto. Uma cor lisa bem escolhida também pode ter “força” e expressão. Creio ser o caso. Outra razão: assume o “acrescento”. O vulgar “anexo” é aqui assumido como um “caixote moderno” (o caixote moderno é aquele que o povo em geral não gosta. As pessoas só foram educadas para gostar de caixotes antigos: “ah, os caixotes de antigamente...!”). É um recuado envidraçado. Quer a caixilharia do recuado quer do edifício “em si” é feita em ferro, assumindo as subtilezas da construção da caixilharia em ferro: cantoneiras, barras chatas, etc... soldadas entre si, provocando “pequenas sombras” no alçado da janela, expressão das abas dos perfis. Subtileza na expressão da janela. Nada disto é “típico” do Porto. Mas, na minha opinião, está bem conseguido. É claramente uma intervenção “nova” feita com inteligência. Mantém a métrica dos vãos da casa original, o que é fundamental na leitura normalmente colectiva dos alçados de rua no Porto. Estas intervenções tanto quanto sei não são SRU...Onde está a capacidade da SRU / Câmara do Porto para aprovar (aliás, exigir é melhor) o “bom projecto”?

O bom critério tem de ser generalizado. Os critérios da qualidade.

E não só.

Pedro Figueiredo, arquitecto.